

As referências à história do cinema no novo ‘Missão: Impossível’

Nova aventura de Tom Cruise como Ethan Hunt aposta num enredo estruturado a partir de nossa memória fílmica

Por Amir Labaki

Formado em Cinema pela ECA-USP, é diretor do É Tudo Verdade – Festival Internacional dos Documentários, que fundou em 1996

Valor, 13/07/2023

Um ano depois de **Tom Cruise** ser ungido, à frente de “Top Gun: Maverick”, como a maior esperança para a salvação da indústria cinematográfica na esteira da crise inédita catalisada pela pandemia mundial da covid-19, ei-lo dobrando a aposta em **“Missão: Impossível - Acerto de Contas – Parte 1”**.

“Top Gun” entregou o esperado, reafirmando o apelo mercadológico de um espetáculo mesmo com pretensões estéticas tão limitadas, e mesmo o inesperado — como uma Palma de Ouro honorária em Cannes para Cruise. O sétimo episódio das aventuras de Cruise como Ethan Hunt apresenta-se agora como uma espécie de manual metacinematográfico para a reconquista do público, com toda cara de vingar.

“Missão: Impossível” nunca antes apostara tanto num enredo estruturado a partir de nossa memória fílmica. OK, já em sua origem como franquia em 1996 era uma refilmagem, sob o selo nobre de Brian De Palma, de um seriado de televisão criado em 1966 por Bruce Geller (1930-1978), sobre uma equipe secreta de agentes especiais. Mas, agora, dirigido como os dois anteriores por Christopher McQuarrie, que assina o roteiro com Erik Jendresen (“Band of Brothers”), o novo filme segue fielmente a estrutura tradicional das missões fílmicas de outro agente — claro, James Bond.

Confira: “Acerto de Contas – Parte 1” começa com o mesmo tipo de prólogo violento, sendo um submarino russo o primeiro alvo do grande vilão. Como 007, Hunt não demora a envolver-se, com sua Força Missão Impossível, numa cruzada pela salvação do mundo. A batalha o conduz ao mesmo tipo de “travelogue” planetário de encher os olhos, com extravagantes “sightseeings” de Abu Dhabi a Roma, de Veneza a Helsetkopen (Noruega). O embate final só poderia acontecer no interior de um trem internacional, como em “Moscou contra 007” (1963) e “007 – O Espião que Me Amava” (1977).

Um “aggiornamento” saudável remete a outro clássico. O supervilão da vez é um inimigo mais etéreo e contemporâneo: o programa desenvolvido por inteligência artificial (IA) batizado como Entidade. Com o poder de infiltrar-se em todo o universo online, tornando vulneráveis todos os aparelhos digitais, mesmo os serviços de inteligência e segurança, a

Entidade representa uma atualização evidente do computador HAL 9000 de “2001: Uma Odisseia no Espaço” (1968), escrito por Arthur C. Clarke e realizado por Stanley Kubrick. Por um breve momento, para frisar o parentesco, ouve-se a “voz” sintética da Entidade, em tudo similar à de HAL.

A espiral de referências filmicas não para. Numa celebração simultânea a Eisenstein (“O Encouraçado Potemkin”, 1925) e a De Palma (“Os Intocáveis”, 1987), uma perseguição frenética entre carros pelas ruas de Roma quase atropela uma mãe com seu carrinho de bebê numa escadaria mítica.

O recurso quase obsessivo a incríveis caçadas automobilísticas celebra as do hipnótico “Operação França” (1971) como as da série hoje quase paródica “Velozes e Furiosos”. A revisita às obras-primas da cinemateca mundial incluem até uma batida de continência ao último policial de Jean-Pierre Melville, “Expresso para Bordeaux” (1972), com o Hunt de Cruise enfrentando o mesmo desafio do pouso num trem em movimento do comissário Édouard de Alain Delon.

Bastam esses exemplos para demonstrar como as citações lotam “MI7”. A arte de McQuarrie e Jendrensen é absorvê-las de forma orgânica na dinâmica do filme, tornando excepcionalmente fluida a extensa narrativa de mais de duas horas e meia de duração.

Tudo se passa como se, para cumprir o objetivo da reconquista do público para o espetáculo em tela grande, em “Acerto de Contas - Parte 1” retornássemos ao cinema original, o chamado “cinema de atrações”, como conceituada por Tom Gunning a estratégia de sucessão de eventos impactantes para a câmera, despertando o maravilhamento do então ingênuo espectador, característico da aurora da sétima arte.

Inserir-se na mesma busca de uma essência perdida a ênfase do registro sem “stuntman” das acrobacias de Tom Cruise, que assina assim com o próprio corpo o tecido fílmico, numa era em que tudo nos filmes, ou quase, mesmo neste, se forja ou se altera com a tecnologia digital.

“Missão: Impossível - Acerto de Contas – Parte Um” permite-se ainda uma última piscadela aos primeiros tempos do cinema como espetáculo popular hegemônico, ainda no período silencioso. O subtítulo avisa: trata-se apenas da primeira parte. Como nos pioneiros seriados para as telas, à moda “Os Perigos de Paulina” (1914) com a coquete Pearl White, a trama se interrompe, tensa e inconclusiva, num convite para a próxima continuação, agendada para exatamente daqui a um ano numa sala de seu bairro. Sim, o cinema voltou.